

CONTRIBUIÇÕES DO JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOPEDAGOGIA

Edvan Gonçalves Gomes ¹
Antonia Mônica da Silva ²

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões acerca do jogo, brinquedo e brincadeira no desenvolvimento da aprendizagem das crianças na Educação infantil. Como objetivo desta pesquisa procuramos analisar a contribuição do jogo, brinquedo e brincadeira, no contexto da Educação Infantil tomando como princípio a declaração da professora regente na turma da pré-escola no município de Farias Brito/CE. Acerca do percurso metodológico, este trabalho se caracteriza como qualitativo, eminentemente exploratório, do tipo fenomenológico, caracterizado como sendo estudo de caso e para obtenção dos dados realizamos uma entrevista semiestruturada, que posteriormente foram organizados em categorias e analisados à luz dos principais teóricos sobre a temática, tais como: Brougère (2001), infere que a brincadeira mantém uma relação direta com a cultura. Jean Piaget (1984), argumenta que o brinquedo contribui para enriquecer o aspecto cognitivo da criança de acordo com as etapas do seu desenvolvimento. Levy Vygostky (2007), situa o brincar como uma necessidade infantil onde se dá a imitação do conhecido e a construção de interpretações sobre a realidade. Quanto aos resultados notou-se que, embora a professora seja a responsável para planejar atividades diferenciadas para as crianças que apresentam dificuldade no processo de aprendizagem ela se sente sozinha por não ter um profissional formado em psicopedagogia para lhe orientar acerca de jogo, brinquedos e brincadeiras que pudessem lhe auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Concluímos que o psicopedagogo e o docente podem utilizar do jogo, brinquedo e brincadeira para auxiliar no desenvolvimento das crianças com dificuldade de aprendizagem tornando uma educação lúdica de qualidade.

Palavras-chave: Lúdico. Educação Infantil. Aprendizagem. Psicopedagogo.

INTRODUÇÃO

Atualmente a Educação Infantil é identificada em sua função educativa vencendo a tradição que a sustentou, no decorrer dos anos, ligada à concepção de assistência. Assim, cabe afirmar que essa primeira etapa da Educação Básica deve ser compreendida como um direito das crianças de 0 a 5 anos.

Na qualidade de indivíduos educados e formados por meio das suas relações e costumes do dia a dia, os bebês e crianças traçam a sua personalidade numa ação que contorna as práticas individuais e coletivas. Neste meio social vasto de interações, os

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN - RN, edvangomes6@gmail.com

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC - CE, monica.lopes681@gmail.com

pequenos passam a saber, aos bocados, sobre o mundo e aprimoram o seu aprendizado. Ocorre que, segundo destaca Vygotsky (2007), em determinado instante os pequenos vão querer experimentar aquilo que já sabem sobre o mundo e, quando não acham circunstâncias favoráveis para tal expressão, se comprometem a criar espaços de representação por meio da imaginação. E é dessa forma que o brincar se define.

No que tange o objetivo geral, buscamos analisar a contribuição do jogo, brinquedo e brincadeira, no contexto da Educação Infantil tomando como princípio a declaração da professora regente na turma. Quanto à delimitação dos objetivos específicos, buscamos: refletir as concepções e conceituações sobre o brincar na formação da criança; entender a contribuição da psicopedagogia institucional nesse processo de desenvolvimento de habilidades da criança voltadas para a leitura, escrita e matemática; estabelecer o diálogo com a professora no intuito de conhecer suas práticas pedagógicas pautadas no jogo, brinquedo e brincadeira para o desenvolvimento das habilidades na criança.

Como representante teórico, nomeamos pensadores relevantes que trataram em suas considerações o brinquedo e a brincadeira e seu pronunciamento na infância, a saber: Brougère (2001), infere que a brincadeira mantém uma relação direta com a cultura. Jean Piaget (1984), argumenta que o brinquedo contribui para enriquecer o aspecto cognitivo da criança de acordo com as etapas do seu desenvolvimento. Levy Vygostky (2007), situa o brincar como uma necessidade infantil onde se dá a imitação do conhecido e a construção de interpretações sobre a realidade.

Portanto, compreendemos que a presença do brincar na pré-escola, pode contribuir para o desenvolvimento da leitura, escrita e matemática na criança, bem como ampliar o pensamento crítico reflexivo do professor a fim de inovar suas propostas pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades das crianças.

Este trabalho é de fundamental importância, pois esperamos provocar novas ideias, rumos, pensamentos que ajudem a criar novos saberes sobre o uso do lúdico na educação primária. Levantamos a hipótese de que o docente esteja ciente que deve utilizar desde o planejar das ações, algo prazeroso no processo educativo de forma coerente, trazendo o dinamismo para dentro da sala de aula, e que possa promover aos pequenos um ambiente mais acolhedor, que favoreça as necessidades e a formação de cada criança, tornando seres que não sejam apenas de executar coisas, mas sim sujeitos ativos que possam produzir, criar e aprender de forma mais eficaz.

Esse estudo se mostra relevante por trazer à tona a voz de docentes sobre a presença do lúdico nas rotinas experienciadas na Educação Infantil, permitindo aos professores avaliar o seu papel diante do brincar e refletir os interesses dos pequenos em relação aos brinquedos e situações lúdicas que lhes são significativos.

Na concepção metodológica, tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Como mecanismo de coleta de dados foi realizada entrevista semiestruturada com uma professora, gravada em áudio e, posteriormente transcrita. A professora participante atua na turma da pré-escola de uma escola da rede municipal de Farias Brito/CE.

Percebemos que cada criança se desenvolve de forma diferente e particular. Nesse sentido, o professor deve elaborar um planejamento que traga a criança como o centro do processo a fim de propiciar atividades lúdicas para cada faixa etária.

Observamos no decorrer da construção do texto que a prática do lúdico na escola está associado ao desenvolvimento integral da criança, destarte, esse aspecto reafirma a presença do jogo, brinquedo e brincadeira na desenvolução da aprendizagem dos pequenos como recurso psicopedagógico. A escola precisa valorizar o brincar, pois o caráter lúdico do jogo, brinquedo e brincadeira auxilia e estimula a criança a interagir com seus pares e por conseguinte desenvolver a leitura de textos, escrita e matemática.

A psicopedagogia necessita tomar presença no espaço escolar e a gestão institucional precisa vê-la com outro olhar, pois ela vem a contribuir e auxiliar os docentes para o desenvolvimento de práticas lúdicas que ajudam a criança no processo de aprendizagem em torno da leitura, escrita e matemática.

METODOLOGIA

A partir das delimitações teóricas delineadas na introdução desta pesquisa, compreendemos a partir das considerações de Gil (2002, p.148), que nossa pesquisa se classifica como de natureza básica, pois sua finalidade será analisar como o jogo, o brinquedo e a brincadeira contribuem para o desenvolvimento da leitura, escrita e matemática de crianças pequenas. A pesquisa será de cunho qualitativo, abordando o planejamento que a docente elabora para a prática educativa na rotina escolar das crianças.

A pesquisa será classificada de cunho eminentemente exploratória. Consoante a Acevedo; Nohara (2007), “a pesquisa exploratória é caracterizada por proporcionar

maiores informações do assunto que está sendo investigado, permitindo que o pesquisador delineie de forma mais precisa o problema” (p. 64).

Para os procedimentos técnicos da pesquisa será realizado um estudo de caso. De acordo com Gil (2002, p. 45), o propósito deste estudo “não é de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”.

No que se refere aos instrumentos e técnicas para a coleta dos dados, utilizar-se-á de uma entrevista semiestruturada realizada com a professora regente da turma da pré-escola da instituição de Educação Infantil do município de Farias Brito/CE referente à suas concepções sobre a contribuição do jogo, brinquedo e brincadeira para o desenvolvimento da leitura, escrita e matemática das crianças pequenas.

Como base para análise e interpretação dos dados ter-se-á o método de análise de conteúdo. Minayo (2012, p.74) enfatiza que a análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gilles Brougère examina o brinquedo e a brincadeira como uma criação social aprendida pelo sujeito na sua cultura e em convívio com os outros. Enquanto criação cultural, a brincadeira e o jogo com o passar do tempo sofrem alterações e adequações a partir da capacidade de inventar e aprender com os adultos, própria da infância. Convém ressaltar, em conformidade com Brougère (2001), que “(...) a brincadeira é uma atividade dotada de significação social que, como outras, necessitam de aprendizagem, ou seja, aprende-se a brincar desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura” (p. 97).

Brougère (2001, p.23), afirma que existe uma cultura lúdica que diz respeito a um "conjunto de regras e significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto de seu jogo". Esse conjunto de princípios e características envolvem lugares, materiais e procedimentos que apelam para uma forma de comportamentos específicos, ou melhor, de jeitos de ‘ser’ e de ‘fazer’.

Em tempos passados era mais comum a vivência de brincadeiras dos pequenos fora de casa, andando em lugares como os terreiros e estradas de terra, construindo casas de barro, assim elas experimentavam brincadeiras que apelavam muito para as interações

e o uso do próprio corpo. O brinquedo é algo aprendido e não surge naturalmente na criança, ele é aprendido nas relações culturais que estabelece em sociedade. As crianças se envolvem cotidianamente com situações, pessoas, objetos e, no brincar tendem a reproduzir de maneira interpretativa o que vivem. As experiências lúdicas vividas pelas crianças vão compondo um repertório de aprendizagens, sendo que as brincadeiras ganham contornos e ampliações à medida que meninos e meninas se envolvem em parcerias com os outros.

De acordo com Brougère (2001), é por meio do jogo que os pequenos vão construindo mais possibilidades, aptidões e agilidades no modo de pensar, movimentar-se e de interagir. Reconhecemos que o brinquedo é um instrumento da brincadeira e que, além disso, é também uma representação do mundo fictício. Com base no que afirma Brougère (2001), no brinquedo os pequenos exercitam a sua capacidade de criar, inventar e imaginar coisas. A relação presente no brincar exprime bastante as formas de interação das crianças com a cultura. O próprio brinquedo é um instrumento da brincadeira que proporciona aos pequenos à se divertirem, mas também se dispõe como retrato simbólico do âmbito da imaginação.

No que se refere a Jean Piaget (1896 – 1980), ele ampliou em suas pesquisas estudos psicogenéticos com o propósito de compreender como o indivíduo evolui biologicamente e psicologicamente no decorrer de sua vida, assim como esclareceu como se dá o progresso do pensamento humano.

De acordo com Piaget (1999), o sujeito experimenta quatro períodos em seu processo de desenvolvimento. Cada estágio possibilita formas específicas de pensar que ao longo dos estágios não se extinguem, mas são incorporadas à fase seguinte. O primeiro estágio, denominado de sensório-motor, vai do nascimento até cerca de dois anos de idade. É nesta fase que os pequenos se relacionam de maneira prática com os objetos, ou seja, a criança age mentalmente em função daquilo que lhe é apresentado. O objeto faz surgir na criança a ação. A criança não controla ainda o seu modo de pensar e tende a se comportar por meio da imitação e da repetição. Os atos se antecipam ao planejamento do seu pensar.

Com referência à brincadeira, os pequenos se interessam por objetos e fixam nas suas propriedades de forma, textura, sons, etc., na sua relação com os objetos não figura a lógica de usá-los como brinquedo, pois não a criança ainda não consegue manifestar a capacidade simbólica. Nesse estágio, os objetos chamam a atenção e funcionam como estímulos para o desenvolvimento de habilidades visuais e motoras, visto que mão e olho

se completam no âmbito mental possibilitando aos pequenos, ver e tocar, simultaneamente sobre os materiais.

Os pequenos, nessa fase, vão demonstrar interesse pelos objetos em função de suas cores, texturas e mobilidade, dentre outros aspectos, fazendo gesticulações repetitivas que provem e possibilitem os seus atos, mudando o estado primeiro dos objetos. O efeito de seus atos se refere à tendência de reproduzir movimentos e gestos e, nesse caso, a brincadeira vai se ajustando como criação divertida.

O estágio seguinte é o pré-operatório que vai de 2 (dois) aos 7(sete) anos. Nessa fase, a principal conquista mental da criança é a capacidade de simbolizar, ou seja, passa a ser capaz de tornar presente um objeto por meio de um elemento substituto. O início dessa fase é marcado pelo advento da linguagem oral; como consequência os pequenos não mais apontam para os objetos, mas passam a valer-se da palavra como substituta do objeto. Nesse momento, o modo de pensar passa a se sustentar na simbologia e os pequenos vão se expressando não somente pela fala, mas também por meio do desenho, da imitação, e acima de tudo, do faz de conta.

No que diz respeito à brincadeira as crianças intensificam as relações com as coisas experimentadas no estágio precedente. Graças ao avanço da capacidade simbólica dá-se o aparecimento do faz-de-conta. Então, os pequenos vão vivenciar a fantasia, a criatividade e a vivência de situações imaginárias e as coisas com que os pequenos se relacionam, passam a se subordinar às suas intenções.

Na etapa operatório-concreta, os pequenos demonstram capacidade de resolver situações problema, desde que tenham ao seu alcance objetos reais. O seu modo de pensar está pouco concentrado no próprio eu e eles passam a desenvolver as noções de tempo, espaço e velocidade, ordem e causalidade. Os pequenos vão se preparando para entender um fenômeno por meio da lógica reversível, isto é, tornam-se aptos de retornar mentalmente ao ponto inicial ou efeito de uma questão mesmo que modifique a sua maneira de se organizar. De acordo com Piaget (1999, p. 41):

A idade média de sete anos, que coincide com o começo da escolaridade da criança, propriamente dita, marca uma modificação decisiva ao desenvolvimento mental. Em cada um dos aspectos complexos da vida psíquica, quer se trate da inteligência ou da vida afetiva, das relações sociais ou da atividade propriamente individual, observa-se aparecimento formas de organizações novas, que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e que também inaugurou uma série ininterrupta de novas construções (PIAGET, 1999, p. 41).

No âmbito do brincar os pequenos vão se interessando por jogos de disputa em que as normas sejam condições essenciais para a direção da atividade lúdica, apesar da persistência, ainda que em menor intensidade do gosto pelas brincadeiras simbólicas.

Por fim, designa-se a etapa operatório-formal e, nessa fase, o modo de pensar passa a ser mais liberto das suas limitações do concreto e os pequenos pensam de forma lógica e estruturada. É definida pelo aparecimento do raciocínio hipotético-dedutivo que possibilita ao adolescente ampliar seu modo de pensar, sendo que ele passa a resolver questões por meio da hipótese.

Outra contribuição substancial para a compreensão e valorização do brinquedo e da brincadeira na infância foi dada por Lev Vygotsky; no seu modo de pensar, o desenvolvimento é conduzido pelo conhecimento e não o oposto, segundo o que diz a teoria de Jean Piaget. Suas pesquisas encontram-se no âmbito da psicologia histórico-cultural. Na concepção desse teórico, o indivíduo, é um ser ativo que constrói o seu aprendizado sempre por meio das suas relações interpessoais por meio da intermediação da cultura.

De acordo com Vygotsky (2007), a concepção de brinquedo não se refere exclusivamente ao objeto, porém à sua ação lúdica, especialmente ao faz-de-conta. Afirma que, o brinquedo age na zona de desenvolvimento proximal ao passo que no decorrer das brincadeiras os pequenos se empenham em demonstrar atitudes que vão para além de suas coordenações mentais e corporais cotidianas. Desse modo, é possível perceber no decorrer das brincadeiras as crianças revelarem comportamentos que testam a sua própria estatura física e as condições materiais que possuem para experimentar uma fantasia. Nesse ínterim, desenvolvem as suas habilidades fazendo acontecer aquelas que estavam em existência virtual.

Vygotsky (2007), esclarece que na zona de desenvolvimento potencial ou proximal os pequenos desenvolvem suas habilidades e aquilo que sabem fazer por meio da relação com os adultos. Explica ainda que o brinquedo é um exercício fundamental para o desenvolvimento cognitivo, já que o procedimento de construir acontecimentos imaginários acarreta ao avanço do pensamento abstrato. Ocorre isso, pois relações novas são desenvolvidas no jogo contornando obstáculos.

Contudo, nas particularidades da brincadeira, Vygotsky (2007), diz que não tem atividade lúdica sem regras, em razão disso, pondera que na situação imaginária se mostram ali normas de comportamento, mesmo que não estejam claras. Na situação imaginária encontram-se jogos de papéis, ou seja, referência daquilo que é pertencente a

uma forma específica de comportamento. Vygotsky (2007), afirma que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento dos pequenos, especialmente por propiciar exercícios significativos. Ao brincar de faz de conta, eles constroem uma figura que sugere performances que o representam, ressaltando que há um significado para quem organiza e quem conduz de forma intencional os atos.

Contemplando a psicopedagogia, em especial a psicopedagogia institucional, é uma área que se preocupa com as dificuldades humanas acerca do desenvolvimento da aprendizagem a fim de buscar meios para solucionar o problema. No espaço escolar, geralmente o que acontece quando o professor percebe uma dificuldade de aprendizagem numa determinada criança ou jovem é pedir ajuda ao psicopedagogo que atua na escola. Contudo, o trabalho da psicopedagogia não se restringe apenas a solucionar um determinado problema que já existe, mas é também sua função no espaço escolar promover encontros formativos junto dos docentes e coordenadores pedagógicos com o objetivo de prevenir que estas dificuldades venham à tona. Conforme Moojen (1990), dentro dos espaços escolares os psicopedagogos podem atuar ofertando aos professores momentos de formação continuada, orientando, auxiliando e indicando práticas pedagógicas que tragam também o uso de jogos, brinquedos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem das crianças e adolescentes.

Neste sentido, entendemos que a partir do uso de jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais na Educação Infantil o professor estará evitando que as crianças enfrentem dificuldades relacionadas a leitura, escrita e matemática no processo de alfabetização. Geralmente, devido os docentes não terem formação continuada acerca do uso desses recursos que contribuem para o desenvolvimento das crianças e acabam não colocando no planejamento das atividades a serem desenvolvidas, momentos lúdicos para as crianças interagirem com seus pares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intuito de realizar a pesquisa no município de Farias Brito/CE, se deu perante o alto número de matrículas e a transição da oferta da educação regular para ensino integral na referida instituição educacional. Como partícipes da pesquisa elegemos a professora da pré-escola de uma instituição de Educação Infantil municipal, a qual dispõe de uma rotina integral acolhendo crianças na faixa etária de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses. A fim de mantermos o sigilo quanto ao nome da instituição, optamos por não a

identificar no trabalho, e referente ao anonimato da professora elegemos o codinome de Professora Margarida, associado a uma rosa.

Vale ressaltar que a instituição escolar onde foi desenvolvida a pesquisa não há atuação de psicopedagogo(a), por isso, reiteramos a participação da professora regente na turma da pré-escola como importante. Nesse sentido, buscamos entrevistar a professora a fim de conhecer quais atitudes são tomadas para solucionar os problemas que giram em torno da aprendizagem das crianças e de que forma a atuação de um(a) psicopedagogo(a) poderia auxiliar na resolução desta demanda.

No início da entrevista, buscamos saber se ao longo da sua experiência profissional ela havia percebido que os problemas de aprendizagem aumentaram no decorrer de cada ano e se saberia o motivo, prontamente respondeu:

Na verdade, não acredito que tenha sido os problemas que aumentaram, visto que crianças com necessidades especiais sempre existiram, acredito que o que tenha acontecido é um reconhecimento desse ser enquanto indivíduo dotado de direito. Em relação ao grande número de diagnóstico, também é possível visualizar uma mudança na realidade atual, a isso talvez se dê o aumento no número de casos (Professora Margarida).

A professora reconhece que as crianças com dificuldade sempre existiram no espaço da escola. Contudo, ela infere que somente após o alto índice de diagnósticos realizados nas escolas, veio à tona a realidade e a singularidade de cada criança e o Estado passou a olhar para esses casos a fim de obter soluções.

Continuando o diálogo, procuramos saber da professora a respeito do que é feito para resolver os problemas de aprendizagem, ela respondeu:

Os problemas de aprendizagem sempre recaem sobre o professor, são eles que muitas vezes primeiro veem as dificuldades e por isso mesmo são os que primeiro devem procurar as soluções, muitas vezes ficam inclusive sozinhos já que a família muitas vezes não sabem como agir, depois disso o professor tenta resolver sozinho da forma que pode ou encaminha o aluno para equipes psicopedagógicas que ficam na secretaria de educação (Professora Margarida).

A professora coloca que por ser a responsável pelo desenvolvimento da aprendizagem das crianças, se sente muitas vezes sozinha, diante das dificuldades encontradas. Acerca disso, Lopes; Crenitte (2013), comenta que os professores, por atuarem diretamente junto das crianças eles têm uma importante função, sobretudo na identificação do problema, na elaboração estratégias com novos recursos e atividades adaptadas para cada tipo de criança. Entendemos também que dependendo da dificuldade

encontrada, o professor pode buscar ajuda na coordenação da escola, ao psicopedagogo atuante na rede de ensino para o bem-estar de todos os sujeitos.

No que se refere ao terceiro questionamento, foi proposto que a professora discorresse sobre de que forma o jogo, o brinquedo e a brincadeira podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem na criança. Imediatamente inferiu que isso é possível “de inúmeras maneiras, acredito que a socialização do aluno com os colegas e com o professor, além de facilidade em aprender um novo conteúdo, isso é ótimo pois eles acabam vivenciando na prática por meio dos jogos” (Professora Margarida).

A professora menciona dois pontos positivos que afirmam a possibilidade do lúdico na primeira etapa da educação básica. Primeiro, ela menciona que ao realizar momentos lúdicos estará acontecendo na mesma proporção a interação, o diálogo, a socialização de conhecimentos e compartilhamento de ideias entre crianças e o docente, bem como entre crianças e crianças. No segundo, ela cita o jogo, brinquedo e brincadeira como recursos lúdicos facilitadores para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Nesse sentido, Vygotsky (1984, p. 97), evidencia que:

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1984, p.97).

No último questionamento, propomos que a participante apontasse possíveis contribuições acerca de como a psicopedagogia poderia lhe ajudar a sanar as dificuldades das crianças, tão logo pontuou:

O psicopedagogo, poderia me auxiliar traçando junto comigo metas e caminhos para chegar até o aluno, acredito que eu até consiga trabalhar o aluno por mim mesma, mas isso seria feito ao longo de muitas tentativas, erros e acertos e em uma sala de trinta alunos sabemos o quanto isso vai dificultar ainda mais a aprendizagem do alunos, com o psicopedagogo na escola, essas tentativas com certeza seriam mais assertivas (Professora Margarida).

A formação, o diálogo e reflexões críticas que deveriam acontecer entre o psicopedagogo e o docente para alinhar estratégias que tenham como objetivo desenvolver a aprendizagem das crianças que apresentam dificuldade, concomitante a Hoffmann e Silva (2014, p. 12),

Essa formação deve ultrapassar os treinamentos ou a simples sugestão de atividades e brincadeiras a realizar. É necessário, sobretudo, um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas no dia a dia, por meio de espaços de trocas e de diálogo entre educadores e de divulgação de experiências inovadoras que contemplem a criança na atualidade, numa postura investigativa e curiosa sobre seus singulares contextos de vida (p.12).

O psicopedagogo exerce um papel importante nesse processo de formação junto ao docente. Pois ao contribuir desde o planejamento à realização das práticas pedagógicas lúdicas, ele estará colaborando para a construção de uma educação primária de qualidade que assegurando às crianças o pleno desenvolvimento integral e também favorecendo os docentes e coordenadores reflexões críticas acerca da própria prática no intuito de (re)organizar e inová-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi mostrar a importância do jogo, brinquedo e brincadeira para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças. Como vimos, a realização de momentos lúdicos na Educação Infantil favorece o progresso das habilidades, da cognição, da coordenação motora e avanço das competências globais.

Percebemos que cada criança se desenvolve de forma diferente e particular. Nesse sentido, o professor deve elaborar um planejamento que traga a criança como o centro do processo a fim de propiciar atividades lúdicas para cada faixa etária.

Observamos no decorrer da construção do texto que a prática do lúdico na escola está associado ao desenvolvimento integral da criança, destarte, esse aspecto reafirma a presença do jogo, brinquedo e brincadeira na desenvolvimento da aprendizagem dos pequenos como recurso psicopedagógico. A escola precisa valorizar o brincar, pois o caráter lúdico do jogo, brinquedo e brincadeira auxilia e estimula a criança a interagir com seus pares e por conseguinte desenvolver a leitura de textos, escrita e matemática.

A psicopedagogia necessita tomar presença no espaço escolar e a gestão institucional precisa vê-la com outro olhar, pois ela vem a contribuir e auxiliar os docentes para o desenvolvimento de práticas lúdicas que ajudam a criança no processo de aprendizagem em torno da leitura, escrita e matemática.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, C. R.; NOHARA, J. J. **Monografia no curso de administração: guia completo de conteúdo e forma.** São Paulo: Atlas, 2007.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura.** 5. ed. Coleção Questões da assa Época. São Paulo: Cortez, 2001, 110 p. Vol. 43.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, Jussara. SILVA, Ana Beatriz Gomes. Apresentação. In: REDIN, Maria Martins. et al. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil.** 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LOPES, Raquel Caroline Ferreira; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem. **Revista CEFAC**, v. 15, p. 1214-1226, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

Moojen S. Abordagem psicopedagógica da aprendizagem. In: Scoz BJL, Rubinstein E, Rossa EMM, Barone LMC, orgs. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas; 1990.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança.** Martins Fontes, 1999.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança .** Edições Morata, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança.** Martins Fontes, 2007.